

UNS SOBRE OS OUTROS

HISTÓRIA COMO CORPO COLETIVO



THELMA
INNECCO

O Ministério do Turismo, a Secretaria Especial da Cultura, a Funarte, o Governo do Estado do Rio de Janeiro, a Secretaria de Cultura e Economia Criativa e a Casa França Brasil apresentam a exposição

UNS SOBRE OS OUTROS

HISTÓRIA COMO CORPO COLETIVO

THELMA INNECCO

FUNARTE MG

Rua Januária, nº 68, Belo Horizonte - Minas Gerais
DE 23 DE SETEMBRO A 23 DE OUTUBRO DE 2021

CASA FRANÇA BRASIL

Rua Visconde de Itaboraí, nº 78, Centro, Rio de Janeiro - Rio de Janeiro
DE 20 DE DEZEMBRO A 23 DE JANEIRO DE 2022

Este projeto foi contemplado pelo Prêmio Funarte Artes Visuais 2020/2021, com itinerância em Belo Horizonte e Rio de Janeiro

A HUMANIDADE DE UM E A HUMANIDADE DE TODOS

Em um respeitável mito africano, a orixá Nanã Buruquê colabora na criação da humanidade. Na narrativa, atualizada de tempos em tempos pela tradição oral, o barro foi a matéria escolhida pela orixá no cumprimento do seu ofício. Feitas à mão, cada pessoa modelada integra a comunidade humana pelas suas diferenças. De outra forma, a atividade artística ocidental está ligada à noção de que os artistas são porta-vozes da humanidade no domínio estético. Por efeito, suas obras alcançam um lugar no patrimônio coletivo quando contêm algo que seja de interesse dos seres humanos em geral. Em uma antinomia ao mito africano, o humanismo atesta que o poder produz individualidade a partir do assujeitamento, localizando a isonomia como pedra mestra no projeto civilizatório moderno. Substancialmente, o que está em jogo nesse cruzamento entre civilização e igualdade é a representação dos sujeitos históricos. De certa forma, a humanidade nos une, mas o que versam as diferenças? Por um lado, temos um conjunto de regras de conduta para a construção de uma sociedade idealmente global e abstrata, por outro, uma real geografia segregadora e hierarquizada. Não por acaso, Walter Mignolo alerta que modernidade e colonialidade são partes de um mesmo projeto político.

De cima para baixo, os discursos e marcos civilizatórios são instrumentos para a manutenção do poder e da lógica econômica. A figura do cidadão soa como uma abstração útil para regular o comportamento padrão, a partir de práticas disciplinares socialmente aceitáveis e favoráveis à sua dinâmica. Na estética da ordenação social, uns são enquadrados e outros são subalternizados. Achille Mbembe, teórico camaronês, colabora para essa reflexão situando nas práticas civilizatórias ocidentais a relação entre a preservação da ordem e a “licença para matar”. Olhando por esse ângulo, o tardo colonial atravessa o tempo. Corpos subalternizados, na imensa maioria negros, acometidos pelo uso da violência e justificativas do poder, são hoje deixados morrer nas calçadas. Entre balas perdidas provenientes de confrontos, nas exposições à pandemia dentro e fora dos ambientes de trabalho, eles são abandonados à morte pelo ódio aos imigrantes, às mulheres e às pessoas dissidentes das normativas heterossexuais de gênero. Sendo a estética da diferença, qualidade que Nanã atribui como dádiva, transformada, ao revés, em justificativa que segrega os corpos passíveis de morte violenta dos não passíveis. Na penumbra, aos montes, em episódios seriais, populações inteiras de diferentes plurais se acumulam em uma Necropolítica em curso.

“Uns sobre os outros: História como corpo coletivo” pressupõe uma dicotomia. Dispara uma reflexão sobre a serialização de corpos e subjetividades, mas também mostra o que dos outros nos habita. Organizada em três ambientes, a exposição da artista Thelma Innecco apresenta o ser humano em episódios da memória coletiva, tecendo comentários estéticos sobre as relações humanas, através de movimentos transversais ao tempo histórico. Em um primeiro ambiente, encontra-se uma série de esculturas em cerâmica de corpos múltiplos, os quais instalam manobras de questionamento sobre as relações humanas a partir das dessemelhanças. Afetos calorosos – coletivos e individuais – comungam do espaço com corpos serializados, eximidos de particularidades. Tal associação nos aproxima uns dos outros, nos faz recordar memórias íntimas, resgatando em nós o sentido de uma humanidade em curso.

Durante a exposição é apresentado um curta-metragem realizado em colaboração entre Thelma Innecco e a cineasta Caren Moy. Nessa obra, esculturas são postas em diálogo com documentos históricos, imagens de arquivo e relatos a fim de promover uma escavação das memórias de resistência. São reclamadas as histórias do Cais do Valongo e dos quilombos Pedra do Sal e Sacopã, dentre outros. Em outra chave, são localizados na obra os movimentos contemporâneos globais, como o Black Lives Matter, em que a destituição de estátuas civilizatórias deu lugar a marchas vívidas de memória e humanidade. Em digressões sobre a cidade do Rio de Janeiro, a lógica das esculturas se torna inseparável da lógica do monumento. Celebrados como marcos civilizatórios, os atos bárbaros monumentalizados são lembrados apenas como contraponto ao uso dos espaços comuns. É devolvido à barbárie histórica não o saldo dos conflitos, pelo empilhamento de corpos, mas o despontar de resistências em pequenos gestos de cuidado coletivo. O que interessa é como uns, na atualidade, comentam e reforçam os afetos daqueles que os antecederam.

Sitiadas por bandeiras civilizatórias e monumentos, as colônias globais se constituíram produzindo riquezas e segregações. Deixando como herança o ciclo de pobreza dos seus escravizados e crônicas patologias sociais, haja vista o racismo e o punitivismo. Na monumentalidade metafórica das esculturas de Thelma Innecco somos convidados a pensar criticamente sobre os espaços de representação civilizatórios, encontrando em pequenos gestos humanos novos horizontes para a experiência coletiva. Dirk Louw, em seus estudos filosóficos, lembra que “ubuntu”, em iorubá, é “ser-com-os-outros”, e que a natureza humana implica compaixão, partilha, respeito e empatia. Alternativamente ao discurso econômico de lucro ou morte, a exposição conduz o pensamento à prática, e é por este motivo que a exposição é concluída com a presença dos que por ela passaram. Assim como a barbárie se refaz, é importante estarmos vigilantes. A humanidade de um é a de todos.

ANA LOBO
Curadora

ONE’S HUMANITY IS THAT OF EVERYONE ELSE

According to a reputable African myth, the orisha Nanã Buruquê collaborates with the creation of humanity. In the narrative, updated from time to time by oral tradition, clay was the material chosen by the orisha to execute her craft. Everyone was handmade designed to be part of the human community, throughout its own distinctions. Otherwise, Western artistic activity is linked to the idea that artists are humanity’s spokespersons within the aesthetic domain. Indeed, the work of an artist achieves a place in the collective heritage when it contains something that is of interest to human beings in general. In an antinomy to the African myth, humanism attests that power produces individuality from subjection, locating isonomy as a cornerstone in the works of modern civilization. Substantially, what is at stake in this crossing between civilization and equality is the representation of historical subjects. In a way, humanity unites us, but what about the differences? On the one hand, we have a set of rules of conduct for the construction of an ideally global and abstract society; on the other, geographical segregation that is truly hierarchical. Not by chance, Walter Mignolo warns that modernity and coloniality are part of the same political agenda.

From top to bottom, discourses and frameworks involving colonization are instruments for maintaining power and economic logic. The figure of the citizen sounds like a useful abstraction to regulate standard behavior, based on socially acceptable disciplinary practices that favor its dynamics. As far as the aesthetics of social order goes, some are framed, and others are subordinated. Achille Mbembe, a Cameroonian theorist, contributes to this reflection by including the relationship between the preservation of order and the “license to kill” in Western civilizing practices. Looking from this perspective, colonialism continues to defy time. Subalternized bodies, the vast majority being black, affected by the use of violence and power, are now left to die on the sidewalks. Among stray bullets from clashes, exposed to the pandemic inside and outside the workplace, they are abandoned to death by the hatred towards immigrants, women and people who protest against heterosexual norms. And the aesthetics of difference, a quality that Nanã considers a gift, turns, on the other hand, into a justification that segregates bodies susceptible to violent death from those who are not. In the twilight, in crowds, in serial episodes, entire populations of different backgrounds still face Necropolitics.

“Some Over Others: History as collective body” presupposes a dichotomy. It triggers a reflection on the serialization of bodies and subjectivities, but it also shows that what lives deep inside us belong to others. Set up across three distinct scenarios, Thelma Inneco’s exhibition uses a transversal historical timeline to present human beings through episodes of collective memory, whilst weaving aesthetic comments on human relationships.

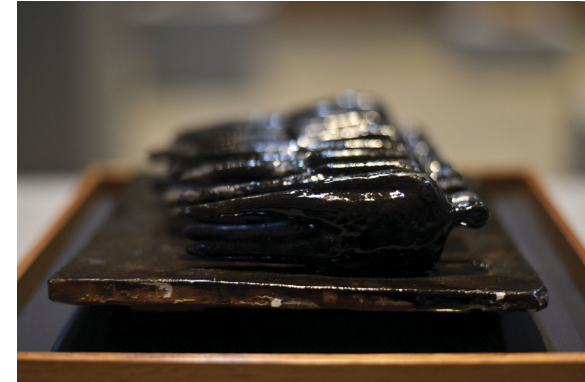
The first scenario presents a series of ceramic sculptures displaying multiple bodies, and calls into question human relations from the perspective of difference, of inequality. Human affection – both collective and individual – shares space with replicated bodies, devoid of individual characteristics. Such association brings us closer to one another, reminding us of intimate memories capable of restoring the purpose of humanity.

The exhibition also features a short film made by Thelma Inneco in collaboration with filmmaker Caren Moy. This work showcases sculptures that establish a conversation with historical documents, archival images and reports in order to promote an excavation of memories of resistance. Stories such as the Cais do Valongo, the Pedra do Sal and Sacopã quilombos, among others, are also featured. In addition, contemporary global movements are located throughout the exhibit, such as Black Lives Matter, in which the destitution of civilizing statues gave place to vivid marches of memory and humanity. Tours across Rio de Janeiro prove that the logic of the sculptures becomes inseparable from the logic of the monument. Celebrated as landmarks of civilization, barbaric acts turned into monuments are remembered only as a counterpoint to the use of common spaces. The artist’s work deals with the emergence of resistance through small gestures of collective care, rather than the settlement of conflict through the piling up of bodies. What matters is how some, nowadays, talk about and reinforce the affections of those who preceded them.

Decorated with flags and monuments, global colonies were built upon wealth and segregation. Their legacy consists of a never-ending cycle of poverty of their enslaved and chronic social pathologies, such as racism and punishment. In the metaphorical monumentality of Thelma Inneco’s sculptures, we are invited to think critically about the spaces of civilizing representation, finding new horizons for collective experience in small human gestures. Dirk Louw, in his philosophical studies, recalls that “ubuntu”, in Yoruba, means “being-with-others”, and that human nature implies compassion, sharing, respect and empathy. Rather than offering a brief discourse on profit or on death, the exhibition steers our thinking towards actual events, and it is for this reason that the exhibition closes with the presence of those that have walked through it. As barbarism remakes itself, it is important to remain vigilant. One’s humanity is that of everyone else.

ANA LOBO
Curated by

OBRAS



EMPAREDADOS

Argila, óxidos e esmaltes, queima
1100 graus | 20cm • 15cm • 5cm



EMPILHADINHOS

Argila, óxidos e esmaltes
1100 graus | 11cm • 20cm • 20cm



EMPILHADINHOS

Argila, óxidos e esmaltes
1100 graus | 11cm • 20cm • 20cm



OUTROS MUITOS

ARGILA COM ÓXIDO DE MANGANÊS E ESMALTE TRANSPARENTE
1050 GRAUS | 52cm • 28cm • 6cm



O LAÇO

Argila, óxidos, esmaltes
1100 graus | 20cm • 30cm • 5cm



EMPAREDADOS

Argila, óxidos e esmaltes, queima
1100 graus | 20cm • 15cm • 5cm



EMPAREDADOS

Argila, óxidos e esmaltes, queima 1100 graus



CATARSE
Argila creme
1050 graus | 29cm • 11cm • 6cm



AMASSOS
Argila com óxido de manganês e fundo cobalto com titânio
1050 graus | 18cm • 18cm • 5cm



AMASSOS
Argila com óxido de manganês e fundo cobalto com titânio
1050 graus | 20cm • 20cm • 5cm



AFETOS DE TRINCHEIRA
Argila com óxido de cobre
1050 graus | 20cm • 23cm • 11cm



UNS OUTROS
Argila com óxidos cobalto, titânio rutilo e esmalte transparente
1050 graus | 27cm • 19cm • 5cm



CHEGADAS E PARTIDAS II

Argila, óxidos e esmaltes
1100 graus | 20cm • 20cm • 8cm



CHEGADAS E PARTIDAS I

Argila, óxidos e esmaltes
1100 graus | 29cm • 11cm • 5cm



UNS MUITOS

Argila creme
1050 graus | 18cm • 18cm • 5



COVAS RASAS

Argila creme, várias queimas, vários óxidos
1150 graus | 30cm • 30cm • 40cm



COVAS RASAS

Argila creme, várias queimas, vários óxidos
1150 graus | 20cm • 20cm • 30cm



COVAS RASAS

Argila creme, várias queimas, vários óxidos
1150 graus | 20cm • 20cm • 30cm



Eu

Argila Terracota com Chamote
1050 graus | 40cm • 80cm

As peças concebidas por Thelma Inneco para a Exposição “Uns sobre Outros”, impactam-nos porque fazem emergir em nós, senão lembranças, sentires. Iluminadas pela Arte, suas mãos ousaram submergir ao sombrio cenário dos porões das tumbas flutuantes que inauguraram e por três séculos sustentaram o mais pavoroso evento da recente história terrena: assim considerado pelo tempo que perdurou, vidas e etnias que ceifou. Àqueles porões aos quais foram lançadas pessoas – umas sobre outras –, das quais tantos e tantas de nós intuímos descender.

Nossas ancestrais próximas as quais, no entanto, inalcançáveis pela memória familiar, não conseguimos nominar, sequer retratar para além dos traços fenotípicos que delas conservamos. As peças nos provocam dolorosos sentimentos porque nos levam a perceber que o cenário persiste, ressignificado, pois rompeu os limites daquelas tumbas e hoje se propaga em cantos de nossas cidades: da Candelária, no Rio; ao Cabula, em Salvador. Corpos sobre corpos empilhados, padecidos ou que padecem cotidianamente por ação de fatores dos tempos modernos.

Assim, a arte de Inneco afronta a cronologia aos nos levar a refletir sobre a atemporalidade de pavores sociais que macularam as histórias de muitos e muitas nós. Pavores que, por isso, ainda nos assombram. Porque é uma história de nós cegos, impossíveis de serem desfeitos. Mas essa é a mesma arte que nos diz que desses nós brotamos feito sementes. Sementes de árvores exterminadas pela dor que teimam em se reerguer. Sementes de persistência dos que sobreviveram àqueles porões, àqueles engenhos, àqueles feitores, àqueles senhores. E a dor sob cujas ondas a arte de Thelma Inneco nos faz navegar ambigualmente é a mesma arte que nos porta a esperança.

The sculptures created by Thelma Inneco for her exhibition “Some Over Others” impact us because they stimulate in us not only memories, but also feelings. Enlightened by her creativity, Thelma’s hands dare to delve into the dark scenario of the dungeons of floating graves that unveiled - and for three centuries sustained - the most terrible event in recent history. An event considered as such because of the eternity it lasted and the lives and ethnicities it destroyed. Those floating dungeons into which human beings were tossed - one on top of the other - and from which so very many of us descend. Our close ancestors whom we cannot reach through family memories. Nor can we name them, or so much as portray them beyond their phenotypic traits that we, in us, preserve.

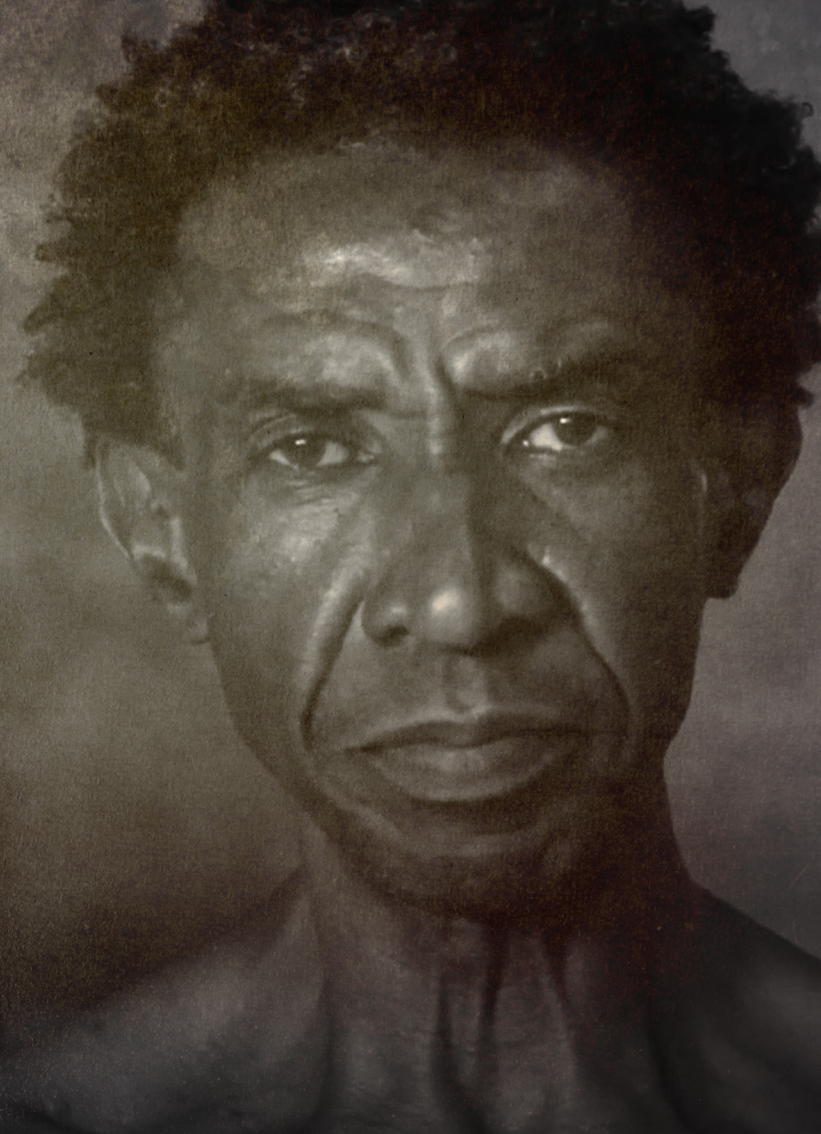
The sculptures evoke painful feelings because they show us that this inhuman scenario of slavery still exists and has gained a new face, since it split open the walls of those graves and today propagates in so many corners of our cities: from Candelária in Rio to Cabula in Salvador. Bodies stacked on top of bodies, tolerating the daily suffering inflicted by modern-day slave-drivers.

In this way, Inneco’s art confronts the chronology that forces us to reflect on the timelessness of the terrors that stain the history of so many of us. Terrors that still haunt us. Because it’s a story of hidden shackles. Shackles that are impossible to break. But her art also shows us that from those very shackles we flourish, as if from seeds. Seeds of the trees exterminated by pain and that, phoenix-like, rise again. The seeds of persistence of those that survived the dungeons, the mills, the slave-drivers, the over-lords. As Thelma Inneco’s work forces us to navigate the waves of this pain, that same art leads us towards hope.

FERNANDO BATISTA

Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE Master in Anthropology from the Federal University of Pernambuco - UFPE
Doutorando em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia - UFBA Doctoral Student in Culture and Society at the Federal University of Bahia - UFBA

VIDEO



O vídeo de Caren Moy, para a Exposição Uns Sobre os Outros, esculturas da artista visual Thelma Inneco, trás a memória passada, misturando-a a fatos cotidianos atuais, chegadas dos navios negreiros de além mar que fizeram um povo perder suas conexões, língua, religião, culinária, arte, identidades étnicas e liberdade. Esse vídeo fala sobre o equívoco perpetuado a esses corpos representados nessas obras – e num contexto maior, com as injustiças dele que estão perpetuadas até hoje.

Caren Moy's video, produced for the exhibition Some Over Others by sculptor Thelma Inneco, interlaces memories of the past with realities from our current existence. By recounting the arrival of slave ships from across the oceans, robbing their human cargo of their liberty, their language, ethnic identity, religion, arts and traditional foods, the video addresses the wrongs heaped upon the bodies represented in Thelma Inneco's works – and in a wider context, how those very injustices are perpetuated until today.

Artista *Artist*
Thelma Innecco

Curadoria e Texto *Curated by and Text*
Ana Lobo

Coordenação Geral *Project Manager*
Luiz Prado e Roberta Guedes

Projeto Expográfico e Iluminação *Exhibition Project and Lighting*
Adriana Milhomem / Luz em Formas

Idealização e Produção de Vídeo *Conception and Video Production*
Caren Moy

Design Gráfico *Graphic Design*
Ana Karla Costa

Produção Local *Local Production*
Luciano Augusto

Assistente *Assistant*
Antonieta Pinto

Fotografia *Pictures by*
Renan Cepeda

Pintura da Arte *Art Painting*
Arlete Rua

Cenotécnico *Cenotechnic*
Marco Souza

Assistente de Cenografia *Scenography Assistant*
Luiz Fernando Rainer

Assessoria de Imprensa *Press office*
A Dois Comunicação

Produção *Production*
8 Produção Cultural

Ficha Técnica do vídeo

Artista Plástica *Artist*
Thelma Innecco

Curadoria e Texto Narrativo *Curated by and Text*
Ana Lobo

Narração *Narrated by*
Raquel Souza

Personagem 'Baquaqua' *Character of 'Baquaqua'*
Nelson Crisostomo

Participação/ Entrevista *Participation/ Interview*
Nilcemar Nogueira - Museu do Samba

Roteiro, Direção, Produção e Edição
Script, Direction, Production and Editing
Caren Moy

Tradução e Legenda *Translation and Subtitles*
Isa Carvalho - 4 Estações

Gravuras, Fotografias e Imagens
Engravings, Photographs and Images
FluxFlow Filmes
ML Produções
Acervo TV Brasil
Imagens do Wikimedia Commons

Agradecimentos *Thanks to*
Antonieta Pinto
Galeria Modernistas
Lorena Coutinho
Malu De Martino
Museu do Samba
Nelson Crisostomo
Raquel Souza

AGRADECIMENTOS *Thanks to*

Nelson Crisostomo
Anna Accioly
Antonieta Pinto
Fernando Batista
Lorena Coutinho
Raquel Souza
Museu do Samba

Presidente da República *President of Republic*
Jair Messias Bolsonaro

Ministro do Turismo *Minister of Tourism*
Gilson Machado Neto

Secretário Especial da Cultura *Special Secretary of Culture*
Mário Frias

Fundação Nacional das Artes *National Arts Foundation* - FUNARTE

Presidente *President*
Tamoio Athayde Marcondes

Diretor Executivo *Executive Director*
Marcelo Nery Costa

Centro de Artes Visuais *Visual Arts Center*

Diretor *Director*
Bruno Vinícius Carvalho Rodrigues

Coordenadora do Centro de Artes Visuais *Coordinator of Visual Arts Center*
Andrea Luíza Paes

Prêmio Funarte de Artes Visuais 2020/2021
FUNARTE Visual Arts 2020/2021 Award

Coordenador *Coordinator*
Ivan Pascarelli

Apoio Administrativo *Administrative Support*
Marco Antonio Alves de Figueiredo,
Ana Paula Santos e Wellington da Silva

Coordenação de Comunicação
Communication coordination

Coordenadora *Coordinator*
Gianne Santos



PRODUÇÃO



galeria
modernistas

APOIO



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO
SEM TEMPO A PERDER

REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Este projeto foi contemplado pelo Prêmio Funarte Artes Visuais 2020/2021